

Virgem Maria Rosa, a Joana d'Arc do sertão do Contestado – líder máxima do povo caboclo em guerra - a menina-mulher, cujo corpo e sexualidade sobressaíram ao silêncio secular imposto pela república

Angela Zatta¹
Diego da Luz Rocha²
Nilson Cesar Fraga³

Resumo: O presente trabalho objetiva estudar o papel social da líder cabocla da Guerra do Contestado – Maria Rosa, conhecida como a Virgem Maria Rosa e, pela população secular regional e por estudiosos e folcloristas, além de musicistas, como a Joana D'Arc do sertão do Contestado. Busca, mesmo envolta por uma biografia muito curta e cheia de romantismos, traçar um breve olhar sobre a figura feminina mais impactante que se fez tão importante liderança durante a Guerra. O seu corpo, assim como a sua sexualidade não foram expostos a ponto de denigrir sua imagem de líder, pois os poucos escritos e relatos a tratam a partir do fato de ser uma menina-mulher no topo da hierarquia de uma guerra de proporções federais. Sobressaem os atributos de bela, ousada, santa e guerreira nos registros mais facilmente encontrados, não havendo termos depreciativos sobre Maria Rosa. Metodologicamente se buscou na literatura brasileira produzida no meio acadêmico, na poesia, na música e no folclore regional, as menções sobre a líder cabocla e seu papel na Guerra do Contestado. Constatou-se que, num país machista como o Brasil daquela época, uma líder cabocla perpassou um século sem ser vulgarizada pelo simples fato de ser mulher e bonita, permanece Maria Rosa como uma representação de mulher-guerreira-líder, cujos apelos sexuais, não sobressaíram no pouco rompimento da invisibilidade e do silêncio imposto ao povo caboclo desde que ela os liderou. Maria Rosa é, para os que dela falam, aos sobreviventes da guerra e seus descendentes, apenas uma grande líder – a Joana D'Arc do Sertão.

Palavras-chaves: Maria Rosa; Mulheres do Contestado; Guerra do Contestado.

¹ Acadêmica de Administração; Universidade do Oeste de Santa Catarina; angela@editoraexito.com.br.

² Professor na Rede de Ensino Básico; rochageologia@gmail.com.

³ Pesquisador do CNPq/PQ; Geógrafo. Universidade Estadual de Londrina; Doutor em Meio Ambiente; ncfraga@uel.br

Introdução

As questões de gênero, sobretudo o papel da mulher no decorrer da Guerra do Contestado, ocorrida no sertão catarinense e paranaense, entre os anos de 1912 e 1916, ainda são pouco estudadas. Há todo um vácuo de estudos sobre elas, sobretudo nos estudos geográficos, onde as concepções de gênero na Geografia, chamada também “geografia feminista”, vem sendo discutidas e mesmo que os avanços deste tema em comparativo com outros países ainda tenham sido escassos, cabe ressaltar sua importância. Embora a Geografia tenha centrado suas análises espaciais durante muito tempo, ignorando a variável gênero como um elemento de diferenciação social e considerando a sociedade como um conjunto neutro, assexuado e homogêneo (REIS, 2015), esta ciência passou a levantar as diferenças existentes entre homens e mulheres no uso do espaço já que “o conceito de gênero permite compreender as relações sociais, especificamente, como os sexos contribuem para a reprodução social” (REIS, 2015, p. 13). Tais elementos, do espaço geográfico e das questões de gênero, são tratados aqui, abrindo a possibilidade de se pensar, inclusive, a organização do territorial, a partir das mulheres atuantes na Guerra, com destaque para Maria Rosa, uma das líderes mais carismáticas e atuantes nos arranjos do mundo caboclo.

Pensar o gênero no contexto geográfico se faz importante para que se compreenda as relações existentes em todos os ramos da sociedade, demonstrando a complexidade em que se insere a mulher, em meio a transformações no tempo e espaço. Desta forma, Joseli Silva *et al.* (2003, p. 36) define gênero enquanto [...] “o conjunto de ideias que uma cultura constrói do que é ser mulher e ser homem e tal conjunto é resultado de lutas sociais na vivência cotidiana.” Deste modo, o fator predominante para se entender como se dão as relações entre gêneros em uma sociedade, vem a ser a própria evolução desta, diante de fatores culturais, determinantes nesse sentido.

De acordo com Joseli Silva *et al* (2009a, p. 38) a abordagem de gênero permite-nos perceber que apesar da feminização da Geografia brasileira ter sido crescente, a análise científica tem se demonstrado pouco permeável à expansão da compreensão das relações entre espaço e gênero. No caso aqui tratado, quando se analisa o papel social de Maria Rosa, há uma transcendência da relação espaço, tempo e gênero, pois ela avança disso, estando num processo mais profundo, no caso, com poder de organização territorial, geradora de uma territorialidade cabocla naquela região, para além da hegemonia masculina da sociedade regional daquela época. “Tal impermeabilidade está alicerçada tanto na hegemonia masculina

nos postos de poder como na reprodução da versão epistemológica androcêntrica⁴ [...]”, pois, diversos estudos nesse sentido, promulgam a distinção de gêneros no decorrer da evolução social. García (2004) destaca que a análise de gênero como processo teórico-prático na pesquisa geográfica

permite-nos analisar diferencialmente entre homens e mulheres os papéis, responsabilidades, conhecimentos, acesso, uso e controle sobre os recursos, problemas e necessidades, prioridades e oportunidades, concretizadas única e diferencialmente nos lugares. Sendo o propósito contribuir para analisar processos estruturais e locais que criam e reproduzem a ideologia hegemônica de gênero, assim como as práticas de resistência presentes no território da Luta pela Terra, no caminho da transformação e superação da realidade social (GARCÍA, 2004, p. 59).

Joan Scott (1995) corrobora com esta visão ao teorizar gênero como uma categoria de análise das relações de poder, tal como o são a classe social e a raça, referindo-se ao modo como as diferenças sexuais são construídas e trazidas para as práticas sociais para se tornar partes do processo histórico – a líder da Guerra do Contestado, Maria Rosa, deteve poder muito superior aos homens que a cercavam e, ao mesmo tempo, eram líderes com ela. Assim, o gênero é a organização social da diferença sexual (SCOTT, 1995), um conhecimento que se refere não somente às ideias, mas abrange as instituições, estruturas, práticas cotidianas, rituais, formas de representação, e tudo o que constitui as relações sociais.

É válido, ainda, destacar a visão de Simone de Beauvoir de que

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro (BEAUVOIR, 1967, p. 9)

Maria Rosa, não nascera mulher, tornara-se mulher entre os 15/16 anos da sua tenra idade, para liderar seu povo numa das maiores guerras civis ocorridas no continente americano, tendo, na condição de líder máxima do povo caboclo, astúcia política e controle territorial, numa vasta área do sertão sulista – seu serviço de espionagem, chamado de bombeiros, por exemplo, são relatos por militares, como imprescindíveis para a manutenção do povo em guerra, por quatro anos seguidos. Nesse tocante, sobre as questões espaciais-geográficas, numa perspectiva de geografias feministas insistido na concepção do gênero como uma possibilidade de análise do espaço é que se coloca a líder cabocla, pois é construído de tal forma que venha a ser modificado por meio das ações humanas para

⁴ O termo androcêntrico destacado pela autora, nesse sentido se refere a própria sociedade centrada em valores masculinos, onde a mulher é vista como inferior.

consolidar seus anseios econômicos, culturais ou políticos na forma de um território (SANTOS, 1988), deve-se compreender que as principais marcas de um espaço são as relações de poder que nele estão marcadas (RAFFESTIN, 1993). Mas que poder poderia exercer uma mulher em meio a um cenário de guerra, especialmente no contexto da Guerra do Contestado? Como explicar a ascensão de Maria Rosa como líder máxima do seu povo conflagrado?

O(s) Contestado(s) e Maria Rosa, a Virgem que tudo sabia.

A população que habitava a região do Contestado era formada por vários tipos humanos, com predominância da união de “brancos, negros e índios, os puros e os mestiços, em torno de causas comuns: liberdade e justiça social” (THOMÉ, 1992, p. 12). Esta população era composta “por diversas famílias, muitas compostas por antigos peões, agregados, ex-escravos, negros libertos ou fugitivos, que abandonaram as antigas fazendas de criação onde viviam, tonando-se independentes” (BRANDT, 2007, p. 01). Destaca-se, ainda, sua característica de um povo trabalhador, inserido nas bordas da lógica capitalista daquela época, que exercia atividades de forma coletiva, ligada à terra, já que dela extraía sua subsistência – o povo caboclo do Contestado ainda era (e é) marcado por uma forte religiosidade com a presença de figuras místicas como os Monges.

Alguns autores definem esta presença como “tradição de João Maria” ou “lendas de João Maria”. Outros caracterizam João Maria como um único sujeito denominado como monge peregrino, monge santo, mago prodigioso, profeta, profeta dos humildes, um velhinho bom que nunca desejou a luta, que pregava e praticava o bem, homem de bons conselhos, que viveu de forma simples entre os sertanejos, atendia a todos que o solicitassem, orava e seguia os mandamentos de Deus. Também aconselhava, batizava, receitava remédios, predizia fatos terríveis, profetizava que o fim do mundo estava próximo, pregava penitências, fornecia uma esperança aos sertanejos, orientava sobre a vida cotidiana ou dava conselhos sobre como se preparar para o momento em que apenas “os justos serão escolhidos” (WELTER, 2007, p. 52).

Nesse universo místico e religioso das representatividades simbólicas é que se inserem as mulheres no contexto da Guerra do Contestado. Algumas delas se destacaram durante os embates, ganhando espaço e respaldo, sem que fossem rebaixadas ou que delas fosse esperada tão somente a função reprodutiva e objetificadora, como em tantos outros territórios no mesmo período.

Mesmo vivendo sob acentuado domínio patriarcal, muitas mulheres desempenharam papéis importantes no movimento do Contestado. A começar pelas “virgens”. O monge José Maria se fazia acompanhar de um séquito delas para auxiliá-lo nas rezas, nas pregações e no preparo de chás

homeopáticos. As “virgens” eram escolhidas por ele e pelas lideranças dos Redutos – ou Cidades Santas – entre aquelas que manifestavam piedade e pureza de alma. Não precisavam ser virgens no sentido biológico, pois havia entre elas mulheres casadas. Mas as que mais se destacaram eram adolescentes. A proximidade com o monge lhes dava respeitabilidade e poder junto à comunidade. Na ausência do líder religioso, assumiam o papel de videntes [...] (TONON, 2012, s/p)

Silva (2010) aponta que as Virgens detinham poder e influência sob o povo caboclo, bem como sob o mundo mítico, já que adquiriram a insígnia de representantes do poder e da inspiração divina, criando um elo entre o “mundo encantado” e o mundo dos sertanejos, numa figura similar às representações de poder da Igreja Católica, notoriamente masculina. Dentre as mulheres que tiveram destaque ao longo da Guerra do Contestado estão a Virgem Teodora, que deu esperança à população por meio de suas visões; Chica Pelega, a guerreira que espalhou coragem e bondade por onde passou, a despeito de sua história trágica; Nega Jacinta, ou Nhá Jacinta, conhecida pela prática de benzeduras e parteira; e Maria Rosa, que liderou milhares de homens e mulheres contra as forças repressivas republicanas, além de proporcionar fé e esperança ao povo.

As meninas “virgens” eram capazes de estabelecer um elo entre o mundo encantado e mítico com o mundo dos sertanejos, mundo este que os levaram a lutar até a morte pela crença da Santa Religião e que nos remete à possibilidade de conceber este movimento através de um olhar voltado para universo mítico religioso em que as mulheres foram portadoras e representantes de um grande poder simbólico, mas que trazidos para o plano concreto, influenciaram certamente, muitas das ações e decisões nos redutos. (FELDMAN, 2005, p.2-3.)

Maria Rosa participava das procissões no reduto e costumava receber mensagens de José Maria. Silva (2010, p. 58) esclarece que a Virgem, para os sertanejos, “era considerada uma santa e que ela tudo sabia”. Ao representar com fidelidade a vontade do Monge, tinha os poderes de destituir, designar e sentenciar. Borges (2007, p. 130) cita uma das mensagens recebidas pela Virgem:

O nosso reduto será bombardeado e arrasado. Esta é a nossa missão santa. Nossa missão é divina. Não temos que temer nada. Devemos estar prontos e oferecer as nossas vidas. A mansão celestial está cheia de lugares para os seus anjos. Quanto mais ardorosa for a batalha mais beatificados seremos. São Sebastião e São Jorge e mais José Maria dizem que cada um de nós tem um propósito no nosso Exército Encantado. O nosso povo é abençoado! Quem não quiser participar da nossa luta divina, que saia agora. Não temos lugar para covardes e indecisos. A hora de sair é agora! [...]

Muitas das mulheres que participaram da Guerra do Contestado, em meio à floresta, reivindicando seus direitos e lutando por sua liberdade, história e identidade como seres de ação continuam vivas no imaginário caboclo. Mas Maria Rosa ainda possui outros aspectos.

Afora a alcunha de virgem santa, a personagem cruza o espectro de gênero e se posiciona como uma guerreira, líder de um exército de gente humilde que freou os avanços do Exército Nacional por anos a fio. Fez história entre os seus e em boa parte do país naquela época, ficando conhecida e, sendo canta em música até os dias atuais, como a Joana D'Arc do sertão catarinense.

Maria Rosa, a guerreira, a Joana D'Arc do sertão.

Maria Rosa é citada por numerosos pesquisadores e a mulher de maior destaque, também lembrada como guerreira, heroína, líder, mártir e guia, mas escassos são os trabalhos que a pensam numa perspectiva de gênero. Os relatos que comprovam sua existência estão expressos na literatura acadêmica, na literatura, na poesia e na música, como se pode verificar na obra de Vicente Telles, importante folclorista, historiador e músico regional catarinense, ao dizer que “Maria Rosa entrou na guerra/Na terra do Contestado/Levando flores no cabelo/Comandou o povo armado”. Ela, ainda, em conformidade com Queiroz (1977, p. 151) era uma adolescente de 15 anos “loura, cabelos crespos, pálida, alegre de extraordinária vivacidade” e mesmo sendo analfabeta falava sem embaraços e, que teria se alfabetizado nos redutos caboclos, para dar ordens e nomear seus guerreiros, sobretudo na frente de controle territorial sertanejo.

[...] Andava amiúde com um vestido branco, enfeitado de fitas azuis e verdes e de penas de pássaros, de todos os matizes, em profusão. Era ela quem nas procissões marchava à frente, carregando uma grande bandeira com a cruz verde. (QUEIROZ, 1981, p. 151).

Queiroz (1977) aponta que Maria Rosa era vista como a principal representante da vontade do Monge e dele conhecia os secretos desejos. Também cabia a ela a instrução de uma rígida disciplina militar e, segundo Borges (2007), era quem determinava a execução de exercícios diários.

Maria Rosa, aos 15 anos, em meio a orações, entrava em transe e discursava dizendo receber ordens do monge José Maria. Durante os transe tinha visões de batalhas e, daí em diante, era ela quem definia as ordens recebidas pelo espírito do monge para organizar o comportamento do grupo. Com o passar do tempo, além de líder espiritual, a virgem Maria Rosa se transforma em chefe militar e comandou a retirada estratégica, após a primeira batalha de Taquaruçú, em 1913, para o novo reduto em Caraguatá. (RUBIM, 2008, s/p)

No que tange a disciplina militar, Maria Rosa se posiciona como sujeito e renuncia a passividade da “mulher feminina” e se constrói fazendo-se ser, tal como permite-se socialmente a ação masculina (BEAUVOIR, 1967). Analfabeta e comandante militar, ela

manifesta “a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia de um menino” (BEAUVOIR, 1967, p. 22).

Maria Rosa é incansável. Procura dar apoio a todos os enfermos. Consola as famílias. É provida de obstinada dedicação ao seu povo. Todos os necessitados esperam pelo seu conforto. É espantosa a transformação que ocorreu naquela menina. Ora é menina, ora é uma mulher, determinada, cheia de iniciativas. Não se descuida, no entanto das atribuições militares. Literalmente incorpora um espírito guerreiro e autoritário. Dá ordens, estabelece estratégias e não quer ser surpreendida pelo inimigo. (BORGES, 2007, p. 140.)

A figura de Maria Rosa, mulher respeitada e temida por todos é representada a partir de declarações dos próprios caboclos. Willy Alfredo Zumblick pinta Maria Rosa em sua pintura (Figura 1) onde a retrata ao cavalo, conduzindo as rédeas do animal com uma mão e levantando a espada com a outra, sendo que sua cabeça e olhar, estão envolto por um halo de luz, como se fosse, ao mesmo tempo, guerreira e santa – uma Joana D’Arc do Sertão do Contestado.



Figura 1 - Pintura: Maria Rosa.
Fonte: Zumblick (2018),

Machado (2004) expõe que Maria Rosa comandou uma longa marcha para evacuar Caraguatá indo em direção ao novo reduto de Bom Sossego com cerca de 2 mil homens e 600 cabeças de gado cargueiros de mantimentos, o que denota que tal feito não a diferenciava dos homens. Ela teria morrido em 1915, na Páscoa Sangrenta do Brasil, quando do grande cerco

final da Guerra do Contestado ao vale de Santa Maria, hoje nos limites dos municípios de Timbó Grande e Lebon Régis, em Santa Catarina, lutando contra as tropas do Capitão Tertuliano Potyguara nas incursões do Exército brasileiro, que colocariam um final ao mundo caboclo e, ao mesmo tempo, concluindo a participação do Governo Federal na campanha do Contestado. Tais fatos, até aqui, consolidam Maria Rosa como mulher guerreira na busca incessante de justiça social e pelo direito à terra do seu povo.

Maria Rosa, a mulher e a sexualidade.

Mas onde se encontra a mulher Maria Rosa? Pouco se fala sobre Maria Rosa como mulher, aquela a quem se torna socialmente. Mesmo considerando que a região do Contestado, de onde vem, vivenciou brutalmente a entrada da lógica capitalista em sua organização social e com ela a padronização da família burguesa caracterizada por Engels (1986) como a grande derrota histórica do sexo feminino, pois o triunfo do capitalismo e a derrota da propriedade privada dependiam de um modo de procriação que assegurasse a certeza da paternidade dos herdeiros da riqueza acumulada, não fica menos surpreendente verificar a atuação de Maria Rosa no desempenho de seus papéis sociais como Virgem ou como guerreira, ou, até mesmo, como Santa – a Joana D'Árc do Sertão do Contestado.

Todavia, não se pode ignorar que os retratos de Maria Rosa se baseiam no discurso patriarcal, compreendido pelas geógrafas feministas como um sistema hierarquizado de relações onde os seres humanos possuem poderes desiguais, tendo a suprema autoridade masculina sobre a feminina em diversos aspectos da vida social que partes desde os sistemas econômicos e jurídico-institucionais até atingir a vida cotidiana no exercício da sexualidade (SILVA, 2009b). E, uma vez dentro da sociedade patriarcal, a alcunha de Virgem cumpre um papel de exaltação dos ânimos masculinos, que notoriamente detém um desejo sobre o corpo e a sexualidade daquela que não seria possível controlar. Maria Rosa está envolta nesses princípios, mas ao mesmo tempo e, inexoravelmente, foi líder máxima do povo caboclo em guerra, demonstrando, ainda, a complexidade e as contradições contidas no meio social caboclo.

Butler (2004) propõe a compreensão de gênero como um mecanismo por meio do qual se naturalizam as noções de feminilidade e masculinidade, podendo servir como uma ferramenta de desconstrução e de desnaturalização das próprias noções. Partindo do pressuposto de que as identidades de gênero são instáveis, permanecem em transformação e que o seu distanciamento da dualidade macho/fêmea pode permitir a ampliação do campo

semântico de gênero, não se pode considerar uma linearidade entre o sexo, o gênero e o desejo.

Na perspectiva desconstrucionista, o espaço é concebido de forma paradoxal: de um lado, compõe as representações sociais hegemônicas dos gêneros e das sexualidades; de outro é elemento de subversão dessas mesmas representações, pois é por meio das ações espaciais concretas desempenhadas pelos seres humanos que se dão as contínuas transformações da realidade socioespacial (SILVA, 2009b, p. 47-48).

Ao transitar pelos paradoxos do espaço, Maria Rosa cumpre as representações sociais de gênero e sexualidade heteronormativa ao ser retratada como Virgem e, portanto, objeto de desejo do patriarcado, sem deixar de vivenciar um espaço de subversão por sua atuação como guerreira. Mas ela ainda era mulher, e como mulher, faltava-lhe algo aos olhos do patriarcado.

Depois do primeiro e grande ataque ao reduto de Taquaruçu, em janeiro de 1914, a maior parte dos camponeses, entretanto, havia fugido ao cerco na noite chuvosa do dia 8, rumo a Caraguatá, ao norte, já sob o comando de uma valente menina – Maria Rosa. O comandante da coluna que atacara Taquaruçu, Tenente-Coronel Alleluia Pires, deu parte de doente em rio Caçador, sendo substituído, em 24 de fevereiro, pelo Coronel José Freire Gameiro. Este, sabendo do reajuntamento em Caraguatá, reconstituiu a coluna e rumou para a nova concentração sertaneja. Subestimando o poderio do adversário, atacou no dia 9 de março e foi derrotado depois de sangrenta luta, na qual os camponeses adotaram a tática de guerrilhas, ainda desconhecida pelos soldados – nesse momento da guerra, Maria Rosa torna-se líder máxima do povo caboclo, com a marca dessa grande vitória sobre as tropas federais. Diante desse insucesso, assumiu o comando o General Carlos de Mesquita (com experiência na Campanha de Canudos, na Bahia), que instalou o comando da 2ª Brigada Estratégica, em Calmon, a 16 de abril, com efetivos totalizando 1.700 homens – iniciando a partir de então, um esforço maior das forças legalistas, para vencer os caboclos e caboclas do Contestado, chegando a mais de 8000 soldados até 1915 (FRAGA, 2006).

A “bela virgem” Maria Rosa, comandante suprema do reduto de Caraguatá, vendo a movimentação, e bastante temerosa, ordenou a retirada de seu pessoal para outros redutos menores, mais seguros, em Pedra Branca, São Pedro, Santo Antônio, Santa Maria, Caçador Grande, Tamanduá e outros. A essa altura, os sertanejos contavam com mais de 3.000 homens do “Exército Encantado”, com armas brancas, mais 200 homens do “Exército de Cavalaria” armados de winchesters e mausers, os 24 homens da guarda dos “Pares de França”, 25 homens do “Piquete da Avançada”, cerca de 2.000 mulheres com mais de 17 anos em

condições de lutar, e mais 500 crianças aptas a auxiliar as forças na retaguarda – aqui, sobre o comando de Maria Rosa, a resistência cabocla alcança suas máxima aglutinação de gentes em guerra, a líder, parecia, com a vitória em Caraguatá, ter conseguido o feito de unificação da causa cabocla (FRAGA, 2017).

De 13 a 29 de maio de 1914, o General Mesquita efetuou ações contra Caraguatá (dia 13) e contra Santo Antônio (de 16 a 18), quando os ditos “fanáticos”, mais espertos, evitaram o confronto direto e simularam dispersar. A missão foi dada por encerrada, ficando o capitão Mattos Costa no comando do destacamento de guarda e policiamento (FRAGA, 2017).

Machado (2004) destaca que Maria Rosa teria recebido a visita do capitão Mattos Costa, oficial do exército que comandou as forças federais na região entre maio e setembro de 1914, na tentativa de iniciar as negociações de paz. Com simpatia e compreensão pela causa cabocla, o oficial adota uma postura conciliadora que é partilhada por Maria Rosa. Nas narrativas sobre a Guerra do Contestado, é neste ponto em que a menina se apaixona e por seu relacionamento com Mattos Costa, considera-se que “perdeu o aço”, ficando, tal como Teodora, numa posição secundária nos futuros redutos (MACHADO, 2004).

Maria Rosa, a guerreira do Contestado, líder máxima e mulher-menina de prestígio, volta a torna-se apenas mais uma menina-mulher nos meses finais da Guerra do Contestado, com a ascensão e o retorno dos homens de “briga” ao poder, isso depois de ter “perdido o aço”, ao ter mudado seu olhar, ao olhas da própria sociedade cabocla, quando deparou-se com o culto Mattos Costa, mas, nada disso retira dessa personagem invisível, dentre as heroínas brasileiras, o papel ávido da transgressão vivida na periferia do sistema patriarcal e coronelista do sertão brasileiro. Maria Rosa, a Joana D’Arc do Sertão do Contestado é uma guerreira e heroína invisível dentre tantas outras mulher fantásticas produzidas na resistência dos perseguidos desta Nação, mas para o folclore e a música catarinense, ela se encontra em pé de igualdade com Anita Garibaldi, a heroína do Litoral, sendo Maria Rosa, a heroína da Serra Acima – um estado com nome e personagem mulher, tendo duas mulheres na construção territorial e unificação da terra barriga verde – no mínimo contraditório, em terra tão machista.

Considerações finais

A hierarquia social estruturada pelo patriarcado se confirma aos olhos das meninas de muitas formas. Para Beauvoir (1967) a cultura histórica, a literatura, canções e lendas são uma exaltação ao homem e foram eles que construíram a Grécia, o Império Romano, a França e todas as outras nações.

A literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas, refletem os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens: é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino. A superioridade masculina é esmagadora: Perseu, Hércules, Davi, Aquiles, Lançarote, Duguesclin, Bayard, Napoleão, quantos homens para uma Joana d'Arc; e por trás desta, perfila-se a grande figura masculina de São Miguel Arcanjo! (BEAUVOIR, 1967, p. 30)

E então, uma mulher irrompe pelos sertões do Contestado. A Joana d'Arc do Sertão. A guerreira. A Virgem. Uma mulher que resiste ao massacre de uma guerra que reuniu mais de 30 mil pessoas ao mesmo tempo e no mesmo espaço geográfico (FRAGA, 2017), no episódio descrito por Galeano como uma das maiores guerras civis do Continente Americano, já que o genocídio de milhares de camponeses pobres foi a sua principal marca. Uma mulher que resiste à República - que seu povo chama de República do Diabo -, e que se mantém virgem para não sujar suas mãos com o sangue da injustiça diante da fome capitalista de obter terras e levar a cabo um plano de colonização que previa a eliminação do povo caboclo. Uma mulher-menina resiste como virgem em uma terra coronelista, que usa e abusa de todas e todos, mas permanece menina-mulher, 110 anos depois do aniquilamento do mundo Caboclo do Contestado. Uma virgem com poderes messiânicos. Resiste Maria Rosa, uma ideia de subversão e de posicionamento feminino perante a hegemonia do espaço.

Mas Maria Rosa é mais. É uma guerreira retratando as carências, a pobreza, a violência e as práticas relacionadas aos espaços e sujeitos marginais-marginalizados. Ela é fruto de uma trama expressa a oposição centro/periferia e homem/mulher quando delinea espaços socialmente distintos no seu mundo social. Maria Rosa personagem central na construção identitária cabocla, uma personagem reveladora das representações femininas do início do século XX, que serve de inspiração para geografias feministas (de gênero) até os dias atuais, mesmo sendo tão pouco estudada e ressignificada pela geografia do Brasil. A Virgem Maria Rosa, a Joana d'Arc do sertão do Contestado – líder máxima do povo caboclo em guerra - a menina-mulher e mulher-menina, cujo corpo e sexualidade sobressaíram ao silêncio secular imposto pela república. Lembrada até a Segunda Guerra Mundial nos batalhões do Exército brasileiro, era uma inspiração para muitos soldados que traziam-na como referência de destemida e controladora territorial, dizendo que ela seria ótima para o serviço de espionagem e controle do território nacional, no caso de uma invasão do Eixo, naqueles anos de 1940, 30 anos depois dela ter marcado a memória de muitos homens que estiveram no território do Contestado, por ela controlado como líder (FRAGA, 2005)

Hoje, sobretudo nos movimentos sociais brasileiros, Maria Rosa, assim como outros elementos e personagens da Guerra do Contestado, sobremaneira os ligados a sua resistência, permanecem e se sobressaem, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra:

Aconteceu no último domingo (27), a festa de comemoração pelos dois anos do aniversário do **acampamento Maria Rosa do Contestado**, localizado no município de Castro, Paraná.

Além das 200 famílias que residem no acampamento, a confraternização contou com a presença de pessoas de várias regiões do estado, colaboradores e simpatizantes da luta pela terra. Durante a comemoração foi realizada a feira de sementes crioulas e de alimentos, além de outras atividades. (...) Hoje a comunidade conta com **Cooperativa dos Trabalhadores da Reforma Agrária Maria Rosa do Contestado (CMRC)**, para comercialização e auto sustentação das famílias. O acampamento produz aproximadamente três toneladas de alimentos orgânicos, como verduras, hortaliças, grãos e legumes por ano. Devido a grande produção, em 2016 alguns serviram de doações para as escolas da região (MST, 2018). (Grifos nossos)

Há, na cidade de Curitiba, em Santa Catarina, a Rádio Comunitária Maria Rosa FM – 104,9, mantendo viva a personagem histórica, bem como a própria Guerra do Contestado na região, isso em uma cidade, cuja história é marcada por um dos coronéis de atuação mais importante durante a guerra, o coronel Albuquerque – Maria Rosa resistem, enquanto o coronel é quase invisível, sendo apenas uma avenida importante da cidade.

Interessante constatar que, num país machista como o Brasil daquela época, uma líder cabocla perpassou um século sem ser vulgarizada pelo simples fato de ser mulher e bonita, permanece Maria Rosa como uma representação de mulher-guerreira-líder, cujos apelos sexuais, não sobressaíram no pouco rompimento da invisibilidade e do silêncio imposto ao povo caboclo desde que ela os liderou. Maria Rosa é, para os que dela falam e aos sobreviventes da guerra e seus descendentes, apenas uma grande líder – a Joana D´Arc do Sertão.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, I. M. **O gênero em Geografia**: Introdução de um novo tema. Lisboa, 1990. Disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/1990-50/50_04.pdf> Acesso em: 20 nov. 2013.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS
Universidade Estadual de Londrina
13 a 15 de junho de 2018
ISSN 2177-8248

BORGES, Á. J. **A menina e o General**. Maria Rosa: A menina guerreira, nossa Joana D' Arc Cabocla. General Carneiro: O Herói do cerco da Lapa - PR. Curitiba: Editora do autor, 2007.

BRANDT, Marlon. **Memórias e oralidade no acesso e uso da terra em comum no Planalto de Santa Catarina**. In: Anais... IV Encontro Regional Sul de História Oral: Culturas, Memórias e Identidades, Florianópolis, 2007.

BUTLER, J. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.

DOLBERTH, A. **Maria Rosa: A virgem comandante da Guerra Sertaneja**. Curitiba: Tipograf, 2005.

FELDMAN, A. S. **Virgens Messiânicas: A Participação Feminina e Imaginário Religioso no Movimento do Contestado 1912-1916**. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.

FRAGA, N.C. **Contestado, redes no geográfico**. Florianópolis; Ed. Insular, 2017.

FRAGA, N. C. **Vale da Morte: o Contestado visto e sentido - "entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná"**. 2ª. ed. Blumenau, SC: Editora Hemisfério Sul, 2015.

FRAGA, N. C. (org.). **Contestado, o território silenciado**. 2ª. Ed. Florianópolis, Ed. Insular, 2017.

FRAGA, N. C. (Org.) **Contestado em Guerra: 100 anos do massacre insepulto do Brasil (1912-2012)**. Florianópolis: Insular, 2012.

FRAGA, N. C. Contestado a grande Guerra Civil Brasileira. In: SCORTEGAGNA, A.; REZENDE, C. J. e TRICES, R. I. (Orgs). **Paraná, Espaço e Memória – diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Ed. Bagozzi, 2005, p.228-255.

FRAGA, N. C. Mudanças e permanências na rede viária do contestado: uma abordagem acerca da formação territorial no sul do Brasil. (**Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento**). Curitiba: UFPR, 2006.

GARCÍA, M. F. **A Luta pela terra sob enfoque de gênero: Os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema**. (Doutorado em Geografia). Presidente Prudente: UNESP, 2004. Disponível em:

<http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bpp/33004129042P3/2004/garcia_mf_dr_prud.pdf> Acesso em: 17 nov. 2013.

MACHADO, P. P. **Lideranças no Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas. SP: Unicamp, 2004.

MST. **Acampamento Maria Rosa do Contestado comemora dois anos de agroecologia e resistência**. Por Maria Luiza Francelino, em 31 de agosto de 2017.

Disponível em: <http://www.mst.org.br/2017/08/31/acampamento-maria-rosa-do-contestado-comemora-dois-anos-de-agroecologia-e-resistencia.html> Acesso em: 13 de maio de 2018.

QUEIROZ, M. V. **Messianismo e Conflito Social**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1977.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, M. L. **Estudos de gênero na geografia**: uma análise feminista da produção do espaço. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, nº 38, jul/dez de 2015, pp.11-34.

RUBIM, S. **As mulheres no Contestado**. Brasil cultura, 2012. Disponível em:
<<http://www.brasilcultura.com.br/sociologia/as-mulheres-no-contestado>>. Acesso em: 27 set. 2013.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. In: EDUCAÇÃO e realidade. V.20, nº 2, 1995. Porto Alegre: UFRS, 1995, pp. 71-97.

SILVA, N. F. da. **As “Virgens Messiânicas”**: participação e influência das “Virgens” Teodora e Maria Rosa no Contestado (1912-1916). Revista Santa Catarina em História - Florianópolis: UFSC – Brasil ISSN 1984- 3968, v.1, n.1, 2010.

SILVA, J. M. et. al. **Um ensaio sobre as potencialidades do uso de gênero na análise geográfica**: Construindo uma geografia feminista brasileira. Revista História Regional. Ponta Grossa, n.1. v. 8, p.31-45. Verão de 2003.

SILVA, J. M. **Geografia e Gênero o Brasil**: uma análise da feminização do campo científico. Revista eletrônica Ateliê Geográfico, 2009a.

SILVA, J. M. **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: TODAPALAVRA, 2009.

TELLES, V. (org.). **Folclore Itinerante da Epopeia do Contestado**. História em Música. Irani, 2002.

THOMÉ, N. **Sangue suor e lágrimas no chão do Contestado**. UnC – Caçador – SC: Incon Edições, 1992.

TONON, E. **Virgens, videntes, guerreiras**. Centenário do movimento do Contestado. Revista de História. Kaygangue, 2012. Disponível em:
<<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/virgens-videntes-guerreiras>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

WELTER, Tânia. “O Profeta São João Maria continua encantado no meio do povo”: um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina. **Tese (Doutorado em Antropologia Social)** – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 338. 2007

ZUMBLICK, W. A. Artista Plástico. Pintura: **Maria Rosa**, 1953. Disponível em:
<<http://sluizalves.wordpress.com/2011/02/07/guerreira-santa-maria-rosa>> Acesso em: 30 ago.1988.